Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

Anno 1.º — **Aveiro, Sabbado 14 de Julho de 1883** — **Numero 27**

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato. PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. d'Araujo eSilva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Camillo Castello Branco, Carlos Lobo d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gastão Mesnier, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Séguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Ber-nardes Branco, M. Rodrigues Vieira, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

Summario

Credo do seculo XVIII, poesia por Henriqueta Eliza.
A carta por João Fernandes.
Consolação, poesia por Pedro Gastão Mesnier.
A Revolução Franceza por Thaumaturgo Furtado.
Folhetim por V. de Benalcanfôr.
Maria, poesia por Ernesto Pires.
Comboyo Misto por Carvão.
Folhetim por Carlos Faria.
Noticia unica.

CRÉDO D'AMOR DO SECULO XVIII

Escuta, filha, uma jura
Que te faço; vais ouvir:
Juro por esses teus olhos
E a linda bocca a sorrir,
Por teus cabellos dourados,
Que me trazem enleados
Pensamento e coração
Que hei de dar-te esse carinho
Que ás aves prende seu ninho
E assim Deus á creação!

Por esses olhos travessos,
Esquivos como tu és,
Juro passar minha vida
De joelhos a teus pés!
Por essa bocca que a rosa
Faz descorar d'invejosa,
Juro pôr-te n'um altar
Onde tu só tenhas culto,
E eu martyr submisso e occulto,
Mas feliz, me hei de immolar!

Queres, filha, ser o lemma
D'este meu crédo d'amor?
E ser o dôce evangelho
Que me encaminhe ao Senhor?
Jura tu, como eu te juro
Amor immenso e tão puro
Como é puro o azul dos Céos,
E em troca oh! loura creança
Sê meu iris n'alliança
Que prende o homem a Deus!

Junho 1881.

HENRIQUETA ELIZA.

A CARTA

A manhã é de junho. Está esplendida! Serena, tepida, abençoada... Corre uma leve aragem, rescendente ás essencias do jardim e do pomar. O sol espelha os raios nas gotas crystalinas do orvalho da noite. E as aves suspenderam um instante o canto alegre do alvorecer para irem em procura do sustento para os seus pequeninos. Ah! como a natureza é bella! Como ha de ser agradavel o ar fresco do quintal!

Emquanto o papá dorme e a mamã não acorda, eil-a que descerra, mansinha, a porta do quarto e atravessa docemente a sala, com uma toilette simples, tão elegante, no andar subtil do seu pésinho *mignon*. Tinha acordado muito cedo, depois d'um sonho adoravel, côr de rosa, com um sorriso nos labios e uma esperança no coração de quinze annos. Estava muito bem disposta, cheia de vida e de força, com vontade de fazer grandes gestos e uma alegria mal reprimida por um receio commovente.

Na sala do jantar deteve-se. Havia alli um quadro de que a mamã gostava muito.

Era d'um artista distincto, talvez de um sonhador que imprimira aos typos da sua obra toda a poesia da sua imaginação. Era o quadro d'uma familia feliz! Não póde haver nada mais sympatico! Nada que mais nos falle á alma, que mais docemente nos impressione e faça vibrar as cordas subtis do sentimento.

Até então, ella não tinha podido comprehender a belleza eloquente d'aquelle todo harmonico! Ora! Eram uns velhos, com rugas nas faces, com os cabellos brancos, com um aspecto desanuviado e risonho. Tinham ao lado a filha e o genro e nos joelhos um neto. Porque é que a mamã lhe dizia tantas vezes: «se tu realizasses o ideal d'esse quadro! é o ideal da felicidade terrena...»

Não tinha entendido. Agora, porém, pareceu-lhe haver alli segredos e mysterios até então por ella ignorados. Nunca se demorára tanto a analysar a creação do artista. Nunca! E, quando dominada por uma outra ideia, sahia da sala, levava duas perolas finissimas nos seus olhos que ainda não haviam exprimido dôr, e nos labios um sorriso imperceptivel de inefavel doçura.

A manhã estava já em todo o seu esplendor. A natureza em toda a sua magestade, em toda a sua imponencia. Nos montes de além havia ainda uma nevoa subtil que não deixava distinguir bem os ramos das giestas e dos castanheiros. Mas nos campos adjacentes o sol brilhava com toda a sua luz, morna e purissima. Desceu então ao quintal e dirigindo-se para o jardim, sentou-se n'aquelle tosco banquinho ao pé da meza de marmore, debaixo do caramanchão formado pelos braços enredados das trepadeiras. A' beira do lago estavam duas aves pequeninas, agitando docemente as azas em arrulhos de amor e ternura, beijando-se, communicando o seus affectos. —Se teriam ninho, pensou. E com a phantasia não sei por que regiões ignotas, abriu o livro, que trouxera comsigo, folheou, duas ou tres vezes, até encontrar aquella folha de papel que lhe fizera companhia á cabeceira e que eu não sei como lhe chegára ás mãos.

Leu. Estava commovida; o seio arfara-lhe brandamente, os olhos fitos n'um ponto unico, os labios entre-abertos. Tinha de instante a instante umas contracções nervosas, como de quem soffre por outrem que estima. No rosto desenhava-se-lhe um folgor e tranho, mixto de alegria e dôr de quem sente a alma a trasbordar n'um affecto que não póde expandir-se.

Depois da leitura, deixou pender sobre o vestido os braços esculturaes, e a cabecinha descahiu-lhe sobre elle n'uma posição adoravel de desalento... Como era bella então! estava alli um espirito forte? Sim e não. Sim, porque se commovia com a sorte alheia, avessa a consolações, e soffria por ver soffrer uma pessoa querida, que tinha a consciencia da sua posição social e via as mais santas aspirações da sua alma a ponto de se quebrarem de encontro á rocha d'um i possivel talvez.. Ah! o soffrimento assim é o apanagio d'uma alma, é toda a sua nobreza. E a nobreza nunca é fraca.—Não, porque o seu bustosinho elegante e bem posto, se inclinava, vergado e rendido, como a sensitiva que se furta e esquiva ao contacto da mão ousada. Não, porque se sentia pequena e fraca para realisar um desejo vehemente que esperimentava. Não, porque se podesse, havia de cumprir o projecto mais serio que lhe impressionara a mente depois de abandonados os seus outros projectos infantis. Ah! como ella então estava! o que sentia! o que tinha dentro do coração a agrilhoal-a dolorosamente!

Havia de responder áquella carta, e não tinha uma gota d'alento para desvanecer o desanimo que d'ella transpirava.

Amava e sabia ser amada, mas era uma situação dolorosa a sua. Que faria? Como havia de responder? Pondo termo áquelle breve canto, que tivera duas notas apenas?

Alimentando esperanças que podiam ser enganosas, e mais tarde desfazer durissimas? Como o mundo lhe pareceu mau então!

Se fosse ella não o faria assim. Quizera ver todos os homens irmãos, e os mesmos sorrisos de fortuna, e as mesmas auras da felicidade, e as mesmas fadigas, e os mesmos commodos, e as mesmas aspirações realisaveis em toda a parte. Não quizéra classes; quizera uma classe, uma classe unica, legitima, genuina, irmã, perfeitamente irmã, para que todos vivessem bem, e assim sempre, em toda a parte, sem embaraços á felicidade de ninguem. Assim é que devia ser.

Pois que! Alli estavam os peixes do lago, todos da mesma côr, que andavam á sua vontade no fundo da agua, felizes, tranquillos descuidados. Tinham todos o mesmo viver, o mesmo viver commum. A agua era para todos ao mesmo tempo, para todos passeiarem alegres, alegremente. Não se sentiam tristes. Era tudo a mesma cousa, a mesma agua para todos, para todos o mesmo sol e a mesma sombra, a mesma treva e a mesma luz, a mesma noute e o mesmo dia. Aquillo é que era viver...

Ah! e as flôres? Vejam! Como ellas cresciam cada uma no seu lugar! Os aromas desprendiam-se d'ellas expontaneamente, das rosas, dos goivos, da baunilha, e no espaço tudo se unia e se amava sem obstaculos, sem embaraços. O viver era aquillo...

Mas o sol ia já alto. No jardim, andavam as aves esvoaçando de ramo em ramo, enchendo tudo com o canto alegre e descuidado. O campo além era um lago de luz, com um tenue veu de gaze subtil, d'onde as giestas e os castanheiros destacavam admiravelmente, como as vergas d'um navio, sereno, no meio d'um oceano de leite.

Então a campainha soou. Eram as horas do almoço. Pobre creança! Aquelle som conhecido, que lhe recordava os primeiros beijos e as primeiras caricias do papá e da mamã em cada dia, fel-a estremecer; nem eu sei com que alvoroço estremeceu.— Lembrou-se então que podia trahir-se. Escendeu—a cartinha, fechou o livro, e dirigiu-se á casa do jantar. Os paes esperavam-n'a. Beijaram-n'a, sorriram-lhe, mas estremeceram tambem. Estava tão palida, estava tão triste! Porque? Ninguem sabia.

Não tinha nada, mas não se se tia boa. Uma leve dôr de cabeça, uma ancia do coração. O almoço foi triste.

O papá estava inquieto. A mamã não lhe fallou do quadro. E só ella, que era de todas a mais perturbada, é que de quando em quando, volvia os olhos para elle, como a pedir-lhe uma inspiração e um ensino, para aquelle segredo, que tinha bem fechado no seio e que não queria ainda senão para ella.

João Fernandes.

CONSOLAÇÃO

Muitas vezes não tem culpa
A donzella que diz *não*,
Até se extingue uma vida,
E se rompe um coração.

Mas não deixa o tempo breve
Durar flor d'esse matiz,
Logo vem a mão de gelo
Colher flores que Deus quiz.

E juntar o lindo ramo
Que no Céu não murcha mais,
Deixando ficar na terra
Os suspiros com os ais.

E no fim de tanta magoa,
Tanta dor e tanto luto,
Apartados são unidos,
E o pranto será enxuto.

Ahi, junto ao throno eterno,
O throno do rei dos reis,
Os infelizes do mundo
Em ditosa paz vereis.

Pedro Gastão Mesnier.

A REVOLUÇÃO FRANCEZA

O facto que mais poderosamente contribuiu para a emancipação e egualdade politica e civil dos povos europeus, foi incôntestavelmente a revolução franceza.

Alguns reaccionarios, porem, intransigentes, fanaticos teem a ridicula ousadia de quererem deslustrar a gloriosa aureola d'este notavel acontecimento, adulterando e deturpando as mais santas aspirações e os mais sympathicos esforços dos seus heróes, que morreram martyres da sua enorme abenegação pela causa da plebe e da razão, cuja existencia fôra até esse periodo uma triste e ignorada noute de trevas!

D'um lado vivia o povo algemado á gleba dos senhores feudaes; d'outro lado, ou era aniquilado o pensamento nas fogueiras da inquisição, o sonho dourado dos ultramontanos, ou inutilisado pelas excommunhões!

Não contestamos que a revolução franceza tenha sido uma epocha de sangue, anormal, horrorosa, mas tambem o que não podemos deixar de reconhecer, é que foi um resultado fatal, provocado pelas ambições desmarcadas da aristocracia e do clero, e das prepotencias despoticas dos reis.

O povo estava desesperado. A taça das suas amarguras e fadigas estava cheia. A França plebeia ergueu-se então com as furias d'uma classe ludibriada contra o *l'Etat, c'est moi*, de Luiz XIV, seguido por todos os reis d'aquella epocha, e limitou com barreiras de ferro o poderio d'aquellas duas classes que de mãos dadas sonhavam acabar, aniquilar todo aquelle que não tivesse a sua origem.

A revolução de 89 foi a voz mais sincera d'um povo indignado, repercutida immediatamente em todos os paizes da Europa.

Na nossa peninsula tivemos, por exemplo, 1812, 1868 e 1871 na Hespanha; e em Portugal 1820 e 1834, os legitimos filhos de 1789.

O illustre professor do Curso Superior das Lettras, o sr. Consiglieri Pedroso, diz no prologo á sua traducção da historia da revolução franceza de Ernesto Ramel:—A influencia da Revolução foi immensa, foi universal. Abalou todo o continente, e foi repercutir-se até nas longinquas esteppas da Russia. Fez estremecer todos os povos, tocados por mysteriosa força. A atmosphera que nós hoje respiramos, onde as ideas modernas estão espalhadas em atomos luminosos; a seiva que vivifica as actuaes instituições; a elevação do nivel moral da nossa sociedade; a ascenção da consciencia publica para o direito e para a justiça; tudo é sua obra. De nacional, de franceza passou a ser humanitaria.

Para os grandes males são os grandes remedios, e a França soube applicar os mais efficazes para cicatrizar a chaga mais asquerosa que corroia a sociedade europeia d'então, o despotismo e a tyrannia.

Pois, se a guilhotina decepou muitas cabeças patrioticas, como as de Robespierre, Danton, Saint-Juste, etc., se Carlota Corday assassinou Marat; o seu sangue não se perdeu, porque foi consagrado á purificação da consciencia do povo francez e á redempção social de quasi toda a humanidade. Foram sublimes os principios que proclamaram, salutares as doutrinas que estabeleceram.

Só na memoravel sessão nocturna de 4 de Agosto de 1789 os representantes do povo francez estabeleceram o seguinte:

A igualdade no imposto, a abolição da servidão, da mão morta, das jurisdicções, senhorios, dos privilegios e immunidades pecuniarias, das prerogativas particulares das cidades e provincias, das pensões obtidas sem titulo e do direito exclusivo de caçar, a suppressão dos annatos, da pluralidade dos beneficios ecclesiasticos e da venalidade dos cargos, a faculdade de reembolsar os direitos senhoriaes e de resgatar os dizimos de qualquer natureza que fossem (Hist. de R. F. de S. Hamel.)

Além d'isso, em differentes outras sessões parlamentares proclamaram os direitos fundamentaes do homem—a egualdade, fraternidade e a liberdade—, garantiram a liberdade da imprensa e da consciencia e tomaram por fim muitas medidas, dignas de admiração e reconhecimento de todos, pelo seu valor scientifico-social.

D'aqui se vê que depois do christianismo, só a revolução franceza plantou na terra a tão sympathica quão santa arvore da egualdade, fraternidade e liberdade. Mas ha uma differença. Essa arvore plantada por Christo não chegou a medrar; foi atrophiada pelo clericalismo e papismo; porém cresceu e ramificou assombrosamente em alguns paizes desde 1789; de modo que o christianismo foi uma revolução quasi toda espiritual, divina, ao passo que a de 89 foi social, humana. Lá tivemos martyres pela causa de Deus, como que elle, *Creador do céu e da terra* carecesse do homem para advogar a sua causa; emquanto que na revolução franceza tivemos martyres pela causa do povo, da humanidade que soffria.

Por isso, algumas nações da Europa, que vivem n'uma apathia e indifferença morbida; devem despertar e prestar o devido preito e homenagem a esses martyres do progresso; luctando com toda a energia e amor pela eterna conservação dos principios que elles proclamaram. E para isso bem perto vem raiando a aurora do centenario d'essa revolução.

Thaumaturgo Furtado.

MARIA

As limpidas *corbeilles*, onde ponho
As *rosas* que me dás do teu jardim,
São chrystalinas taças que disponho
Sobre o meu toucador d'oiro e marfim.

E não saberás tu, minha querida,
Que tenho affecto á Arte e sei que o Bello
Nos almofada com setins a vida,
Assim como nos prende o teu cabello?

Podesse a tua mão fina e nervosa
Tocar essas *corbeilles*, porque então
Teria mais fragancia a debil *rosa*
Do que as flôres de toda a creação.

E se eu tenho *corbeilles* delicadas
No meu formoso e caro toucador,
Tenho tambem as *rosas* perfumadas
Que tu me dás, idolatrado amor!

12 de julho de 1883.

Ernesto Pires.

Comboyo Mixto

O mallogrado Gonçalves Crespo precisa da sua historia anedoctica.

E' já conhecido e bastante vulgarisado o seu inspiradissimo improviso criticando a laxidão poetica de um Duarte enthusiasmado que no Theatro Academico recitou uma poesia que rematava assim:

Perola d'ouro!
Brilhante de marfim!
Oh! sim!
O amor não se define.
Adeus, Volpini,
Adeus! Adeus!!

Gonçalves Crespo resabiado com tanto capricho rhetorico levanta-se logo no seu camarote e dispara ao ardente encomiasta:

Couves de batata!
Cebolas de feijão!
Ai! coração!
O amor é um tomate.
Adeus, Duarte!
Adeus! Adeus!!

A coeva mocidade academica popularisou este improviso tão feliz como alegre.

Mas o que é pouco conhecido, e o que *alguem* divulgará com o seu frisante chiste, é uma *telha* do fallecido poeta. Eis a *telha*: apenas colhesse á mão um lapis, um carvão, um charuto apagado, emfim qualquer objecto que pudésse fazer traços negros, G. Crespo riscava em linhas grosseiras uns hombros com uma cabeça, e um chapeu descahido nos olhos:

— O bandido!—

Exclamava, como alliviado de grande pezadello.

E' curioso o *tic!* Não acham?

Pensa se em fazer em Lisboa duas Exposições de Bellas Artes, uma promovida pela respectiva e afamada Sociedade Promotora e a outra pelo revolucionario e distincto *Grupo de Lião*.

Ambas ellas se realisarão no fim do anno.

Venha arte! Para nos consolar e distrair dos males patrios.

Folhetim

UMA ELEGIA

(Conclusão)

Bento Romão queimou-se n'essa chamma, sobre que borboleteiam descuidosos todos quantos não comprehendem o perigo que corre quem brinca com o fogo. Um dia achou-se fulminado por esse raio irresistivel, que fere até os corações de pedra, quanto mais o seu, impressionavel e terno. Foi na egreja de Santo Amaro, por occasião da festa tão devota dos filhos da Galliza, que elle viu uma rapariga franzina, delicada, com uns olhos azues, aveludados, d'onde partio uma luz suave, uma chamma branda, que incendiava menos do que attrahia por um iman mysterioso a quem os fitasse, fresca como uma rosa de chá suave e casta como um lyrio.

Em quanto a multidão se absorvia na contemplação dos ex-votos de cêra dos milagres operados pelo santo, pintados em paineis mais piedosos do que artisticos, e contemplava as flôres dos altares, os lumes que ardiam nos tocheiros e nos lustres, e os damascos agaloados de ouro, que revestiam os frontaes e pendiam do pulpito, os olhares de Bento Romão e de Seraphina—a loira appetitosa—embebiam-se reciprocamente n'uma contemplação fixa, repassada de sympathia, toda fremente do amor subito, que os salteára.

Á saida, na confusão do adro alagado de sol, e atravez da torrente da multidão entrajada de fatos domingueiros que rolava pelos lanços da ingreme escadaria de pedra, Bento Romão seguiu a deliciosa creatura que o acordára para a vida da paixão, até que a viu entrar em casa acompanhada da mãe.

Seraphina era a filha de um carvoeiro, estabelecido na Junqueira, e de uma vendedora de fructas, cujo logar era contiguo á lojinha do marido. Fôra creada com recato, aprendendo lições vivas de seriedade no exemplo dos paes. Dentro d'ella murmurava uma voz intima a segredar-lhe adorações de mancebos elegantes, bem vestidos, com ar fino.

Não ha só *coquettes* nas salas. A *coquette* nasce como os poetas, quer no ambiente confortavel dos toucadores, quer ao ar livre. Seraphina gostava de ser admirada e de pompear seus encantos juvenis.

De um golpe sentira-se attrahida para Bento Romão, para a sua presença agradavel, para a sua formosura picante e varonil. Ao mesmo tempo, porém, passára-lhe pela mente uma idéa rapida como um relampago; e essa idéa era que o seu ideal de ambição e de elegancia lhe entremostrava outro homem, de mais polido trato, de condição mais levantada.

Bento Romão—esse, coitado!—achou na posse de Seraphina a plenitude dos seus sonhos de felicidade.

Entrou a requestal-a com assiduidade. Aos domingos e em dias de festa ostentava com ufania as côres energicas dos seus coletes, verdadeiras odes symphonicas, em que os matizes resoavam com saxophones.

No panno lustroso da quinzena, pela banda de fora, estadeava-se um pesado grilhão de ouro—amarra custosa que segurava o relogio do mesmo metal, como a ancora retem o navio. O relogio, offuscado do seu proprio deslumbramento, occultava-se pudicamente na algibeira rasgada sobre o coração, como uma violeta se embusca no vallado.

Bento Romão fallava a Seraphina no logar da fructa, ao pé da mãe d'ella. Os seus colloquios respiravam não sei que ar bucolico perto das maçãs rainetas, perfumavam-se no aroma das tangerinas, rescendiam a fragrancia de hortas arruadas de alfazema, orladas de limoeiros.

De vez em quando, á noite, principalmente aos sabbados, Romão travava com a bella Seraphina dialogos longos de Romeu e Julietta, a que por acaso emprestava reminiscencias da varanda, poeticamente allumiada pelo luar de Verona, um canario que soltava os seus trinados, substituindo a calhandra matinal do drama de Shakspeare.

Os paes da rapariga viam em Romão o que se chama um bom partido; um rapaz sério, laborioso e economico. Seraphina acolhia-o bem, mas—forçoso é dizel-o—não com a franca effusão de sentimento, que transbordava do apaixonado gallego.

Entretanto Bento Romão continuava a considerar-se feliz. Nadava n'um fluido de oiro. Sorria triumphante á existencia, como os antigos deuses sorriam no Olympo.

V

Sob a violencia da paixão, que o desvaira, decide-se o namorado moço a pedir em casamento Seraphina. Os paes exultam. A filha—caso estranho!—hesita, e pede um mez de espera até dar a sua resposta definitiva.

Bento Romão aproveita os trinta dias, destinados á solução do problema da sua felicidade, para ir á terra, ver a mãe de que ha tantos annos estava separado, e dar-lhe parte dos seus projectos.

Na volta a Lisboa procura Seraphina; e em vez da imagem dos seus sonhos, que tanto acariciára na ausencia, encontra fechadas as portas d'aquella casa, que fôra o ninho onde se abrigára a sua paixão nascente, e como que pairando sobre toda a habitação um ar sinistro de cemiterio, a desolação do ermo.

Com o coração confrangido de amargura, indaga de um visinho o paradeiro d'aquella gente.

A resposta á sua pergunta fulminára-o de pasmo. O pobre moço, ouvindo-o sentiu-se tomado de vertigem, e por pouco não caiu redondamente no chão.

Seraphina, ás escondidas dos paes e de Bento Romão, deixára-se requestar de um valdevinos de apparencia rica, montando airosamente a cavallo, com espalhafato de berloques, imitação bastarda de um typo igualmente degenerado,—*dandy* de quinta ordem, que conseguira de Seraphina—mostrando-lhe as perspectivas phantasticas da elegancia e do luxo—a imprudencia de se deixar raptar, illudindo a filha a vigilancia dos paes e trahindo as promessas feitas a Bento Romão.

Sentindo-se cravado no coração pela frecha duplamente hervada do infortunio e da perfidia, o moço entrou como louco na casa de malta; e pisando aos pés as folhinhas de rosa e os ramos seccos, recordações amorosas que Seraphina lhe dera, e que elle embrulhára cuidadosamente junto com as cartas da mãe—de uma orthographia não menos allucinada que o seu espirito—deliberou tornar n'aquella mesma noite para a aldeia.

— Só uma mãe é que não engana seu filho!—exclamou o desvairado, com a voz estrangulada pelos soluços, e os olhos rasos de agua, mal entrou em casa, abraçando e beijando a velha mãe, que o contemplava attonita, e sem poder bem atinar com a causa de tão inesperado regresso.

V. de Benalcanfôr.

*

José Gonçalves Lage, em polemica com José Diogo Pires, acaba de publicar=Um pires de doce=. Este *pires de doce* ha de por força desagradar ao Pires maisculo que esperamos não dê ás de Villa do seu appellido.

Lage, accusado de plagiar, faz citações em que prova que os seus *plagios* já tinham sido feitos (das mesmas fontes) pelo auctor por cuja *originalidade* Pires se doe.

E Lage não pára aqui; assegura que os taes *plagios* foram editados pelo seu accusador, que é o mesmo Pires.

Não somos gulosos; álias teriamos devorado os 2 exemplares com que Lage prodigamente brindou e obsequiou *A Locomotiva*. Contentámo-nos com digerir uma attentamente. Mas decedidamente não nos arruinará o estomago provar do *Pires* em despique, que será de *amargo*, em opposição ao de *doce*.

*

Um pedacinho de ouro da *Restauração*:

«REIS A' FARTA E RAINHAS=Vamos lá a saber: quantos reis temos nós?

Os jornaes estrangeiros dizem que anda um rei portuguez a viajar pela Italia e uma rainha; que está em Paris um rei portuguez e outra rainha.

Apezar de toda esta *reisada* e *rainhada* em viagem internacional ainda dizem que temos cá o *rei* Antonio e o *rei* Luiz e que este viaja e toca *violoncello*:

Como é então que isto se entende?

Seis reis!... Achamos que é muito gorda a realeza para tão magro povo.»

*

Ha nos Estados Unidos da America um *pobresinho* yankee que tem uma fortuna de 300 mil contos. Calculando que rende este capital uns 5 p. c., o rendimento annual é a bagatella de 15 mil contos. O que dá ao miserando mortal Mr. Vanderbilt 41 contos diarios ou perto de 2 contos de réis por ora.

Essa fortuna está em grandes emprezas industriaes, caminhos de ferro, minas e titulos de divida publica de varios paizes.

O senador Jones tem 5 mil contos de renda.

J. W. Mackay possue umas minas de prata que lhe dão uns miseraveis 34 mil contos annuaes.

A Locomotiva, attenta a penúria d'estes filhos de Deus, não tem duvida em lhes abrir uma subscripção publica.

*

Um excerpto de litteratura parlamentar de Hespanha, da sessão da Camara de deputados em 9 de julho:

«El señor CELLERUELO:—Me escriben de Astúrias que han surgido graves conflictos en las obras del Pajares, hasta el punto de haber ocurrido en estos últimos dias una verdadera batalla campal, de cuyas resultas hubo tres muertos y 31 heridos graves. Llamo la atencion del gobierno sobre este gravísimo estado. En las secciones del ferro-carril á que me refiero, se gastan 8 ó 10 millones por semana y hay empleados unos 8 ó 10.000 obreros asturianos y gallegos. Con tanto hombre y dinero existen allí todos los elementos de discordia *mujeres, vino y juego*. (*Grandes risas.*)

Pido que se aumente la fuerza de aquellos puestos de la guardia civil y se prohiba allí el uso de armas de fuego y blancas, pues antes los que hoy las usan se batian solo con piedras y garrotes.

El señor presidente del CONSEJO DE MINISTTOS Mientras que en las obras del Pajares no habia más que asturianos, marchaban en paz (con mujeres y todo); pero aumentaron las obras, fueron allí los gallegos, y como es tanto el cariño que asturianos y gallegos se profesan (*risas*), han surgido esos conflictos.

Termina diciendo que de esas rivalidades no teme ya nada el gobierno, porque ha adoptado sus precauciones, que terminarán del todo cuando unos y otros se traten como hermanos.»

*

A *Democracia Portugueza* de Lisboa publica as seguintes curiosas informações sobre *Os Caminhos de ferro francezes*. Pedimos licença para os transcrever:

«O governo francez apresentou ao parlamento quatro projectos de lei approvando igual numero de convenios entre o Estado e as companhias de Lyon, do Norte, do Este e do Meio Dia. O fim d'esses convenios é terminar a rêde dos caminhos de ferro francezes, construindo os de 3.ª ordem que faltam para completal-a.

O Estado não garante as obrigações que as Companhias emittam para attender ás despezas das novas linhas que se obrigam a construir. A extensão que corresponderá á de Paris-Lyon é de 2:000 kilometros; a do Norte construirá 400; a de Este, 1:500 e a do Meio Dia, 1:200. As emprezas contribuirão para a construcção das novas linhas com 50:000 francos por kilometro, excepto a do Norte, que entrará com os 100 milhões de francos o que sóbe o custo total dos 400 kilometros que lhe estarão designados.

O estado conserva o direito de adquirir os caminhos de ferro, nas condições já estabelecidas; porém, se dér esse passo antes de decorrerem 15 annos reembolsará as Companhias das despezas de construcção das novas linhas a rasão de 1[15 por anno do seu custo total.

Fixa-se um *maximum* nos dividendos, e as receitas liquidas que excederem os tipos estabelecidos distribuir-se-hão na rasão de 2[3 para o Estado e 1[3 para as emprezas.

Os tipos de dividendo são:

Companhia de Feris Lyon...	75	fr.
» do Norte...	87,50	»
Companhia do Meio-dia.....	60	»
» de Este....	36,50	»

Quanto ás tarifas, deliberou-se o seguinte: quando o governo supprimir os 10 p. c. que actualmente incide sobre o transporte de passageiros, as Companhias reduzirão o preço dos bilhetes de 2.ª classe na razão de 10 p. c., e os de 3.ª na rasão de 20 por c. Com respeito aos transportes por grande velocidade, se o governo diminuir o imposto de 23 p. c., as Companhias resolverão tambem, pelo seu lado, fazer uma reducção proporcional.»

*

Não resistimos á tentação de transcrever mesmo interessante a seguinte noticia sobre o famoso nadador capitão Webb. Que os bondosos redactores nos perdoem esta assimilação, tão grata aos leitores:

«O capitão Matthew Webb, que se illustrou atravessando a Mancha a nado em 1875, propõe-se fazer proximamente uma partida de natação nos rapidos que estão abaixo da cataracta Niagara.

A um reporter que se informava do objecto d'uma tentativa tão perigosa—suicidio certo, na opinião unanime dos habitantes do Niagara Falls—o intrepido nadador respondeu que seu objecto é muito simplesmente ganhar 10,000 dollars, e explicou como segue suas probabilidades de triunfo:

«A corrente é, disse, de 39 milhas por hora e a profundidade do rio de 39 pés. E' larga immediatamente abaixo do cataracta, estreita nos rapidos.

«O que amedronta, são dois bordos terriveis de rochas ponteagudas, que saem da margem para o turbilhão. A agua muge e silva positivamente fervendo por cima d'ellas. E' preciso que eu evite estes bordos, d'outra parte, não posso tomar o meio do rio, porque é ahi o turbilhão, isto é a morte.

«Entrarei no rio n'um barquinho, perto do Suspension—Bridge, sem outras roupas que o calção de seda que eu trazia na Mancha. No momento preciso saltarei ao rio e fluctuarei nos rapidos.

«Naturalmente, não farei nenhum esforço porque a corrente me arrastará depressa. Quando a agua estiver muito furiosa, mergulharei e só subirei para respirar.

«Chegando ao turbilhão, nadarei com todas as minhas forças para tratar de evitar o buraco aspirante ou chupador do centro. N'este momento minha vida dependerá de meus musculos e de minha respiração, e tambem um pouco da minha sciencia natatoria.

«Ser-me-ha sem duvida preciso duas ou tres horas para sair do circulo da atracção do turbilhão, que tem cerca d'um quarto de milha de comprimento. Uma vez fóra d'este raio tentarei tomar terra no solo canadiano, mas se a corrente fôr muito impetuosa, deixar-me-hei fluctuar para Lewiston, na praia americana.

A tentativa arriscada do capitão Webb será feita provavelmente no dia 21 de julho.

«As companhias de caminhos de ferro que atravessam Niagara-Falls, subscreveram 10,000 dollars, a favor d'elle, na esperança de que este espectaculo sem procedente attrahirá pelo menos 100, visitadores. Trens especiaes d'excursão estão já preparados em todas as cidades e aldeias onde passam as linhas ferreas.»

*

E já que estamos em maré de transcripções, façamos mais uma. E' da *Estafeta*, periodico de Madrid, mettendo-se com a sua collega=*A Epoca*=:

«¿Qué hace nuestra embajada en París? pregunta el diario aludido. Y nosotros, para satisfacer su curiosidad, debemos contestarle: Que en el momento de salir de París, nuestra hoja del 20 de junio, el embajador estaba ocupado en comprar caballos de carrera; el primer secretario en sus negocios financeros; el segundo secretario dirigiendo un cotillon; el tercer secretario, en el *Jokey-Club*; el cuarto secretario borroneando cuartillas, y el quinto secretario leia *El Cronista*»

Decedidamente não emparelhamos com os nossos irmãos, os hespanhoes: nem o sr. Mendes Leal, nem o sr. Corvo são capazes de comprar, nem mesmo de sociedade, um cavallo de corridas.

*

Do estrangeiro foi ha tempo enviado a um museu da Allemnha um caixote que continha uma preciosa collecção de craneos humanos submettidos a despacho na Alfandega, e depois de uma discussão tão prolongada como cheia de episodios engraçadissimos, os illustres vivificadores resolveram convocar uma sessão magna de todos os empregados superiores do estabelecimento aduaneiro, para que n'elle se resolvesse sobre a difinitiva classificação d'aquella extraordinaria remessa.

Reunidos em consistorio os sabios do congresso, e discutido sobremaneira o assumpto, resolveu-se após renhidas luctas que a pauta era clara em classificar com *objectos usados* os craneos humanos que o caixote continha.

Ora devemos confessar que a pauta, e as cabeças dos sabios verificadores da referida Alfandega Allemã mereciam mais aquella classificação do que o conteudo do caixote.

CARVÃO.

NOTICIA UNICA

Parece que por parte dos lavradores do norte do paiz haverá muita procura de vaccas turinas na proxima feira de Santo Amaro. E optima occasião para os creadores do nosso campo fazerem optimas transacções.

FOLHETIM

SEVILHA

Quien no ha visto Sevilha, no ha visto maravilha, proclamam as presumpçosas filhas da capital de Andalusia, querendo esmagar as de Madrid, que dizem desmerecidas de prosapia metropolitana:

de Madrid el cielo, y... un abujerito para verbo.

Os sevilhanos tem tanta razão como os madrilenos. Ambas as cidades são deliciosas, de volupia seductora, de elegancia scintilante, de... tudo quanto a Hespanha póde produzir em belleza, em luxo e em presumpção.

Mas deixemos Madrid á vontade e fallemos de Sevilha.

A cidade tem os traços antigos que as arabes lhe deram sob as influencias do temperamento e do clima.

O calor obrigou-os a construirem casas e ruas onde a sombra os refrigerasse, e onde a ventilação fosse aproveitada. A orientação artistica pegou-lhes da mão habil e ensinou-os a traçarem encantos para a vida aconchegada, a adornarem as residencias para um goso demorado e a embellezarem tudo com as grandes linhas e os minuciosissimos detalhes precisos para occuparem as longas horas de estancia em casa, forçosas pela crudeza da temperatura e pela insolação assassina.

O azulejo, com a sua frescura vidrada e com as suas encantadoras pinturas e com os seus desenhos mimosos são o producto d'estas condições. E é assim que o azulejo es cultiva como um auxilio da vida. As paredes dos corredores, dos *patios*, das habitações de verão, são aproveitadas delicadamente pelos azulejos. E note se a construcção de uma casa na Andalusia, é feita com um medroso respeito da pyrometria; ha sempre aposentos de invorno e aposentos de verão que alli é terrivel.

As plantas e os quadros são outro grande meio de commodidade familiar. Em qualquer outra parte são luxo; alli meras necessidades. As plantas corrigem a athmosphera diurna; produzem pela respiração e ondulação das folhas uma *tiragem* de leque, mais ou medos apreciavel mas util sempre: tem exhalações humidas que refrescam e deliciam; ou pelo distraem a vista. Os quadros entretem os olhos e convidam a phantasiar, e isto é indispensavel n'um clima de temperatura tão elevada que nas horas do sol não se póde sair de casa

Calor é esse que em Sevilha não custa menos achar uma porta cerrando bem, do que topar com uma pessoa que se zangue. Custa tanto juntar dois battentes, como irritar um homem.

Os pirracentes e disfructadores portuenses, Simão Lopes e Julio Girão, com quem ditosamente me encontrei em Sevilha, não acreditaram n'esta dupla observação; e qual foi o resultado sua duvida? Constiparem-se em diligencias, nocturnas e descamisadas, para fecharem as portas dos seus quartos; e passarem dois dias a provocarem cocheiros, *señoritos*, *majos*, carroeiros e marquezes sem conseguirem uma desordem, uma questiuncula sequer.

Simão Lopes tirou apenas d'esta longa e trabalhava exploração o seguinte:

descobriu que as mulas das carroças paravam quando se lhes sussorrava:

trrúu chut!

Mas um sôco, um pontapé, uma bengalada, (isso sim!) não teve a fortuna de dar nem de levar.

Não houve um *chulo*, nem mesmo um marquez que sahisse á provocação. E isto de marquezes em Sevilha é.... *á punaos*, como quem diz, aos pontapés.

Entre 2 pessoas que se encontram ha pelo menos....3 marquezes!

No elegante e *pschutt* theatro de S. Fernando de Sevilha, contei a seguir, 5 camarotes de marquezes; na mesma ordem havia mais 9 com a mesma coroa nobliarchica. Total 14 camarotes de marquezes na 1.ª ordem!

E' talvez esta a grande razão porque a Andaluzia é republicana: por justa e naturalissima racção. Note-se porém que os marquezes sevilhanos são marquezes authenticos, com todas as legitimas prendas de pergaminhos apodrecidos, de milhões, de cavallos, de montes, de visitas reaes, de coches, de francez, de aventuras, de cicatrizes, de jogo, de joias, de intrigas politicas e galantes, morgadios, de coutos e de punhaladas, de tudo emfim que constitue o mais irrepreensivel brazão de um *grande*.

Eu, na minha qualidade de portuguez, de patriota acostumado a olhar com orgulho os hespanhoes, como elles nos desdenham superiormente; eu, todo padeira de Aljubarrota, tive a gloria de não me ficar atraz de uma linda marqueza, sobranceira e imponente, como convém ao seu excelso titulo. Eis o caso:

A tão galante como admirada marqueza de Donadio ordenou ao lacaio que fizesse avançar o seu *coche*. Eu lidava egoistamente nas mesmas deligencias com o meu tintanario. Mas a policia oppunha-se á minha vontade e á da gentil marqueza que eu tantas vezes encontráva, sempre deslumbrante, nas *soirées* bellas do general Polvieja.

A policia estava de uma irrenerencia archi-republicana com a digna senhora de Donadio, que aborrecida de ordens ao lacaio e de respostas do chefe da policia, disse com a sua vehemente voz aristocratica:

Decir al cabo que avance el coche de la Señora marqueza de Donadio.

O cabo não teve remedio se não ceder.

E á vista d'isto, eu gritava com uma voz de toureiro e andaluzando o meu hespanhol!

—*Caramba! Pues está aqui un principe Decir al señor cabo que avance mi coche..*

E o meu landau veio immediatamente! (E até com surpresa minha).

Então, portuguezes, achatei ou não achatei a grandeza de Hespanha? Mostrei ou não mostrei que sou descendente de nobres cavalleiros, d'essa gente fidalga e invencivel, d'essa....d'esse, d'essas.... d'esses.... etc. (Tudo isso que nós aprendemos nos compendios de Historia de Portugal que eu esqueci agora e sempre).

Mostrei. Portanto segurei nas mãos firme e galhardo o pendão das quinas.

Viva Portugal!

Janeiro de 1883. CARLOS FARIA.

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.— Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea, 100.
Strauss, Garrett, 48.
Armadores e estofadores. Ursprung, A. Aurea 101.
Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros.
Fonseca, Santos & Vianna, Capelistas, 120.
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C.ª Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Moura Borges & C.ª, Capelistas, 35.
Banhos.—Terreiro do Trigo, 64.
Bazares.—A, Villas, Alecrim, 40.
C. Candido da Cunha—Alecrim, 53.
L. M. da Costa—Alecrim, 52.
Valles—Rua Oriental do Passeio, 156.
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso—Bitesga, 47.
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
François — Rua Nova Trindade 19 e rua Aurea 87.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial, Principe, 69.
Gibraltar, Caes do Sodré, 36.
Marrare—T. de Santa Justa 74.
Martinho—Largo de Camões 14.
Calçado—F. J. Salles—Prata—158.
João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Caminhos de ferro (agencias)
Salazar Junior, r. do Ouro 264.
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Sallys Trenckel, Ouro 72.
Torres & C.ª—Alfandega 108.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Silvestre Botelho—Cruz de Pau, 39.
Carruagens (Fabricas de) — Encarnação — T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N. da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio.—Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca, Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, F. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens:
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomdeden.—Principe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Horario dos comboyos desde 10 de junho de 1883

Lisboa e Porto para Madrid e vice-versa. Comboyos expressos.

Partida de Lisboa ás 6 horas e 45 minutos da tarde; chegada ao Entroncamento ás 9 horas e 3 minutos da noite.

Partida do Porto ás 2 h. e 30 m. da t.; chegada ao Entroncamento ás 9 h. e 2 m. da n.

Partida do Entroncamento ás 9 h. e 23 m. da t.; chegada a Valencia d'Alcantara á 1 h. e 50 m. da m., a Madrid ás 3 h. e 30 minutos da tarde seguinte.

Partida de Madrid ás 11 h. da m.
Partida de Valencia d'Alcantara ás 11 h. e 25 m. da n.; chegada ao Entroncamento ás 3 h. e 40 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. da m.; chegada a Lisboa ás 6 h. e 30 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. da m.; chegada ao Porto ás 10 h. e 40 m. da m.

Lisboa ao Porto e Badajoz e vice-versa:

Partida de Lisboa (mixto n.º 1) ás 8 h. da m., e (correio n.º 7). 6 h e 45 m. da t.

Chegada ao Porto (mixto n.º 1) ás 9 h. e 35 m. da n., e (correio n.º 7) 6 h. da m.

Chegada a Badajoz (mixto n.º 41) ás 11 h. da n., e (correio n.º 47) 7 h. e 40 m da m.

Partida do Porto (mixto n.º 2) ás 6 h. e 30 m. da m., e (correio n.º 8) 7 h. da t.

Partida de Badajoz (mixto n.º 42) ás 5 h. e 15 m. da m., e (correio n.º 48) ás 5 h. da tarde.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 2) ás 8 h. e 48 m. da n., e (correio n.º 8) 6 h. e 30 m. da m.

Lisboa a Santarem e Entroncamento e vice-versa;

Partida de Lisboa (mixto n.º 5) ás 4 h, e 30 m. da t., e (mixto n.º 11) 8 h. e 15 m. da noite.

Chegada a Santarem (mixto n.º 11) 12 h. e 7 m. da n.

Chegada ao Entroncamento (mixto n.º 5) 8 h. e 43 m. da n.

Partida do Entroncamento (mixto n.º 6) 4 h. e 15 m. da m.

Partida de Santarem (mixto n.º 12) 10 h. e 36 m. da m.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 6) 9 h. da m., e (mixto n.º 12) 2 h. e 30 m. da t.

Entroncamento e Aveiro ao Porto e vice-versa:

Partida do Entroncamento (expresso n.º 9) 4 h. da m.

Partida d'Aveiro (mixto n.º 35) 5 h. e 45 m. da m.

Chegada ao Porto (expresso n.º 9) 10 h. e 40 m. da m., e (mixto n.º 35) 8 h. e 45 m, da m.

Partida do Porto (expresso n.º 10) 2 h. e 30 m. da t., e (mixto n.º 36) 4 h. da t.

Chegada a Aveiro (mixto n.º 36) 6 h. e 51 m. da t.

Chegada ao Entroncamento (expresso n.º 10) 9 h. e 2 m. da n.

Observações

Os passageiros de 3.ª classe de todas as estações de Lisboa até Torres Novas e os das 1.ª e 2.ª classes das do mesmo grupo onde não tem paragem o comboio n.º 7, 47 e 61 para as estações a'ém do Entroncamento, seguem até esta estação no comboio n.º 5, e tomam alli aquelle comboio para as estações de norte, leste, ramal, Beira, Minho, Douro, ou linha hespanhola a que se destinem.

O mesmo succede aos passageiros do comboio n.º 62, 48 e 8, em sentido inverso, os quaes tomarão no Entroncamento o comboio n.º 6.

Os passageiros de norte para leste seguem no comboio expresso n.º 10, tomando no Entroncamento o expresso n.º 61, e os de leste para norte seguirão ao Entroncamento no expresso n.º 62 para tomarem alli o expresso n.º 9 para o norte,

O comboio n.º 36 só andará aos sabbados e vesperas de dias sanctificados, e o n.º 35 nas segundas-feiras e dias seguintes aos sanctificados, e ambos todos os dias durante os mezes de julho a outubro inclusivé.

Annuncios

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico—Ex.mo Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professora para o sexo femenino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Lauret.

4:000$000

Precisam-se até ao fim do mez. Dão-se boas hypothecas ruraes. Carta à Redacção com as iniciaes F. S. S.

HOTEIS

PORTO — *Grande Hotel no Porto* é o principal d'esta grande e opulenta cidade. Construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em argas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* offerece em aceio, meza, habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante establecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MESMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

Coches y interpretes en las Estaciones.

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

CAFE'

PORTO—*Café Suisso*, na Praça de D. Pedro, é sem duvida o melhor estabelecimento do seu genero. Acaba de inaugurar uma rica sala nova, e elegantes e confortaveis gabinetes particulares. Recommenda-se aos viajantes pelo seu luxo, e pela abundancia e finura do serviço.

PHOTOGRAPHIA

PORTO—Fonseca & C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeiros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

BOTE

Vende-se um magifico escaler couraçado, de 34 palmos de quilha, elegantemente construido de optimas madeiras, pregado a cobre; tem forquilhas e todas as ferragens de metal polido, e mais os pertences seguintes:

Oito remos, alguns dos quaes de **tojo e faia**; mastro de Riga; verga de pinho de Flandres; uma grande manilha de corrente; uma ancora; um toldo de panno americano, guarnecido a azul, e todo o apparelho do mesmo escaler.

É muito veleiro e magnifico para remos.

Quem pretender compral o pode dirigir-se á **Administrção da Imprensa Aveirense, Vera-Cruz, AVEIRO.**

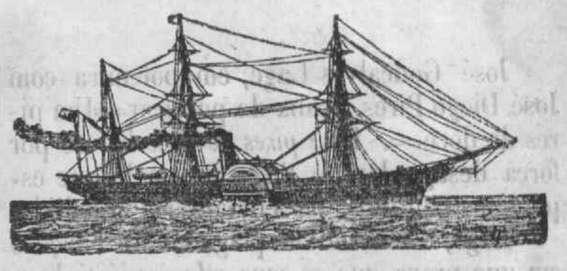
ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM DE CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO



THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico ás terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*— 64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto* 10 Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

José Galliza

A PEDIDO de alguns freguezes principia a sua carreira para as Caldas de Vizella e vice-versa, alternadamente, no dia 1.º de junho proximo; tambem se encarrega da conducção de bagagens para as ditas Caldas.

Tabella dos preços de trens de aluguer para as ditas Caldas a saber:

Landeau, ou char-á-bancs.....	10$000
Coupé, ou victoria.....	9$000
Carroça para conducções.....	10$000

Hora da partida de todos os pontos ás 4 horas da manhã.

N. B. — Tambem tem trens de aluguer nas Caldas para ir buscar às estações de Novellas e Trofa; todo qualquer freguez que queira alugar algum carro das ditas estações para as Caldas, tem que prevenir de vespera no escriptorio, na rua do Laranjal n.º 188—Porto.

Preço de levar ou trazer 4$500.

ENFERMEDADES DE OJOS Y QUIRURGICAS

El médico oculista D. A. Mascaró, ha pagado este año de contribucion la cantidad de 136$565 reis por ejercer su profesion en Lisboa y puede por consiguiente tratar á las personas que le honren con su confianza. Recibe enfermos hasta á médio dia en su clinica, rua do Ferregial de Baixo, 34 y visita á domicilio.

Nota. Suplicase á todos los portugueses honrados y briosos que influyan para que los poderes públicos sobresean las causas criminales instruidas por ejercicio ilegal de la medicina con mengua de la moral publica.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13, e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

COMPANHIA DE EGUROS DE VIDA NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fuudo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

OBJECTOS ANTIGOS

Compram-se moveis, louças, sedas, colchas bordadas, pratas, etc. etc. Rua do Alecrim, 54, LISBOA.

LUIZ MARIA DA COSTA.

Imprensa Aveirense- Largo da Vera-Cruz-Aveiro